

**GARIMPO**

# A FRON

**ISTOÉ  
EXCLUSIVO**

*Temor, tensão e morte rondam a fronteira entre o Brasil e a Venezuela, palco de ações militares contra os garimpeiros que se aventuram em busca do ouro no país vizinho. Evitando o confronto, o Exército brasileiro assiste aos atentados da Força Aérea e da Guarda Nacional venezuelanas contra os mineradores que, encurralados no meio da selva, não podem retornar ao Brasil. Há um mês, aviões de caça e soldados da Guarda Nacional da Venezuela transformaram a região no cenário de uma guerra. Bombas foram despejadas sobre pistas e acampamentos, enquanto a metralha varria o terreno. Um homem morreu, outros conseguiram fugir e mais de uma centena continua escondida na mata. ISTOÉ foi até a região conferir o que está ocorrendo.*

**MARIO CHIMANOVITCH E WANK CARMO (FOTOS), DE LA PROVINCIA AMAZONIA**



**Ação venezuelana: crateras na pista Saddam Hussein e avião brasileiro abatido (acima)**

# TEIRA DO MEDO

**Garimpeiros recebem a primeira visita na pista Raimundo Neném**



O piloto, que atende pelo pouco estimulante apelido de “Zé do Caixão”, porque já foi dono de uma agência funerária nos confins do Pará, avisa pela enésima vez que, se conseguir pousar o trepidante avião sobre a pista Raimundo Neném, uma picada esburacada que se estende 300 metros abaixo, como uma feia cicatriz aberta na floresta, vai demorar ao mínimo possível no local. E assim mesmo, diz ele, de motor ligado. “Se os ‘macacos’ venezuelanos aparecerem decolo imediatamente”, adverte. “Macacos venezuelanos” são os soldados da Guarda Nacional da Venezuela para os garimpeiros brasileiros por eles implacavelmente caçados nas últimas semanas numa situação que, quer Brasília ou Caracas o desmintam, está quase criando um conflito entre os dois países, que só não se envolveram num confronto armado devido ao bom senso de algumas cabeças frias nas Forças Armadas de lá e de cá. Assim, os temores de Zé do Caixão não são infundados.

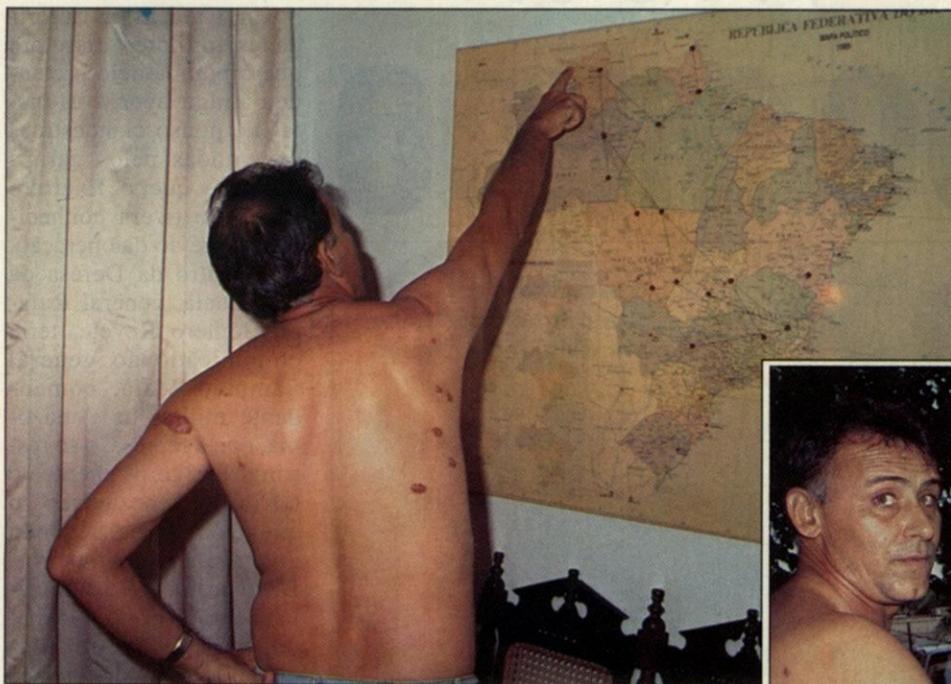
Os soldados venezuelanos não dão tréguas aos garimpeiros em terra. Nem mesmo aos pequenos aviões monomotores que se atrevem a sobrevoar a re-

gião, tentando jogar víveres e remédios para 85 homens encurralados no meio da mata e que se recusam obstinadamente a se entregar à Guarda Nacional, com medo de maus tratos. No último incidente grave, entre tantos que têm ocorrido por aqui, antes que os soldados da Guarda Nacional invadissem os acampamentos garimpeiros, a Força Aérea da Venezuela efetuou uma operação de “varredura” sobre a área, empregando aviões Tucano, fabricados no Brasil, armados com foguetes e sofisticadíssimos F-16, o melhor da aviação militar. Além de bombardearem as pistas de pouso abertas pelos garimpeiros, como a de Raimundo Neném, Saddam Hussein (homenagem ingênua ao ditador do Iraque), Didão Novo Horizonte e Chico Cardoso, os aviadores venezuelanos varreram a tiros de metralhadora as copas das árvores. Esses ataques feriram gravemente três garimpeiros e causaram a morte de um outro, o maranhense Antenor Almeida Neto, que não conseguiu fugir. Os três feridos acabaram sendo detidos e remetidos de helicóptero ao presídio de Puerto Ayacucho. O corpo do que morreu até agora não foi encontrado.

verno brasileiro somente vai tomar alguma providência quando os garimpeiros decidirem reagir e matarem soldados venezuelanos. Ele insiste: a indefinição das linhas de fronteira entre a Venezuela e o Brasil é a causa dos constantes choques na região.

Zé do Caixão efetua duas passagens sobre a pista de Raimundo Neném para ter certeza de que os soldados da Guarda Nacional não estão nas proximidades e desce para o pouso. O monomotor aterrissa aos solavancos, evitando como pode as crateras maiores, e do mato vão surgindo algumas figuras que se movem furtivamente para conferir se não se trata de outra incursão venezuelana. O motor do avião permaneceu ligado durante todo o tempo, cerca de meia hora, como queria o piloto. Os garimpeiros estão assustados com a violência venezuelana, mas insistem que não vão se entregar à Guarda Nacional. Restam na área atacada cerca de 80 homens de um total de 135. Os que conseguiram fugir dos militares venezuelanos se embrenharam pelas matas e, depois de vários dias de caminhada, alcançaram o território bra-

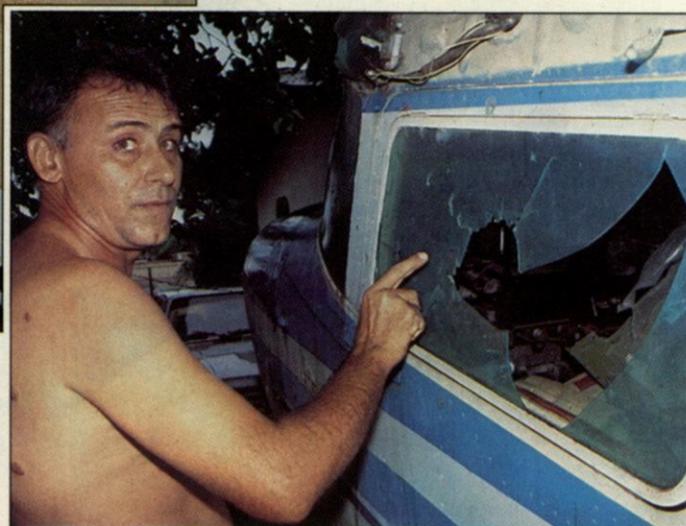
Em Caracas, as autoridades militares disseram que o bombardeio pretende atingir apenas às pistas de pouso clandestinas construídas pelos garimpeiros e que o Exército brasileiro tivera conhecimento prévio da operação. O ministro da Defesa da Venezuela, general Rafael Montero Revete, teria comunicado ao general Sampaio Maia, comandante militar da Amazônia, que a repressão se restringiria rigorosamente ao território venezuelano, o que não ocorreu, segundo a versão dos garimpeiros. De acordo com o sindicalista José Altino Machado, o que houve foi uma nova invasão do espaço aéreo brasileiro, com ataques de bomba e metralhadoras contra garimpeiros que se encontravam em solo brasileiro. Segundo Altino, os aviões militares venezuelanos lançaram bombas sobre os equipamentos de mineração. Altino alerta: o go-



sileiro. Seus relatos conferem com as histórias dos garimpeiros retidos na pista Raimundo Neném. Os garimpeiros se queixam também dos soldados da Guarda Nacional venezuelana. Eles ficaram com todo o ouro arrecadado e objetos de uso pessoal, como relógios e cordões. Com a recusa da rendição, o impasse persiste. Com frequência, os helicópteros da Guarda Nacional sobrevoam o local e efetuam disparos a esmo antes de retornarem à base.

**A**viões civis que tentam sobrevoar a região para lançar mantimentos ou retirar algum garimpeiro acidentado correm o risco de serem abatidos, como já aconteceu no passado. Dia 26 de janeiro de 1991, o avião pilotado por Iran Farias foi atingido por tiros de metralhadora pesada e fuzis FAL disparados pela Guarda Nacional. O piloto tem até hoje quatro balas de FAL cravadas nas costas após perfurarem a carenagem do aparelho. Em 16 de janeiro de 1992, os soldados venezuelanos voltaram a derubar outro avião, um Cessna de prefixo PT-DMW, junto à fronteira brasileira. Depois de o avião haver caído, os soldados mataram a sangue-frio o piloto José Xavier de Mendonça e um dos passageiros, o garimpeiro Moisés Ferreira, metralhados à queima-roupa enquanto aguardavam a chegada de socorro. Há 15 dias outro avião civil brasileiro foi atingido e perfurado por disparos de caças venezuelanos, mas conseguiu retornar a Boa Vista. “Esta é uma situação absurda que já deveria há muito tem-

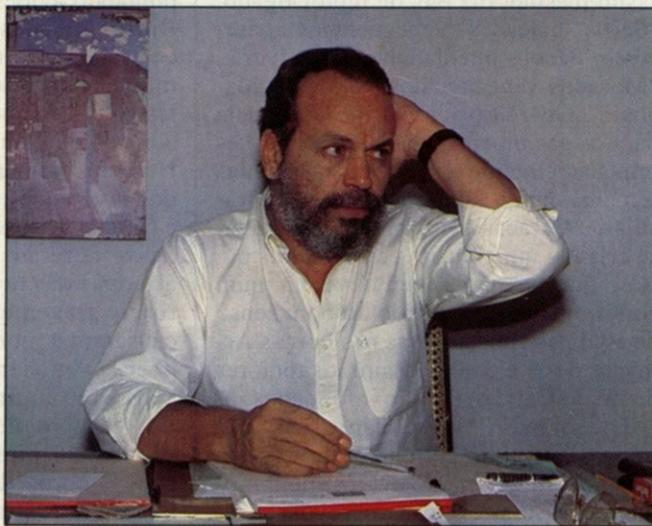
**O piloto Iran Farias: tiros nas costas e seu avião atingido na janela e na carenagem (à dir.)**



po ter provocado a enérgica intervenção de nossas autoridades de Brasília”, desabafa o fundador e presidente da União dos Garimpeiros de Roraima, João Johill. Sua entidade congrega nove mil associados e Johill, um paranaense de 30 anos que está na Amazônia desde os 12, afirma que conflitos existem e vão continuar existindo até que se resolva satisfatoriamente a situação de dezenas de milhares de garimpeiros – ele calcula mais de 50 mil – que precisam trabalhar dos dois lados da fronteira. Johill afirma que as incursões militares venezuelanas acabam interessando só a grupos dos dois lados da fronteira que querem a retirada dos garimpeiros para que a mineração seja entregue a multinacionais.

Exagero retórico à parte, o líder dos garimpeiros adverte: tentar retirar seus homens

**O sindicalista José Altino: indefinição de divisas vai continuar causando choques**



das áreas em conflito não solucionará nada. Ao contrário, ele achaque tornará mais caótica a situação de Roraima, um Estado que assiste ao naufrágio de sua economia com a repressão às atividades do garimpo. “Com a demarcação da imensa reserva yanomami sobrou ao Estado apenas cerca de 42% do seu território, constituído por terras improdutivas, onde até camelo morreria de fome”, diz Johill. Alguns números parecem confirmar as afirmações dos garimpeiros.

A arrecadação de ICMS, por exemplo, caiu 92% nos últimos anos, com o combate aos garimpos. A população do Estado está reduzida hoje a cerca de 200 mil habitantes. E o êxodo não pára. As seções de anúncios classificados dos jornais locais estão cheias de ofertas de imóveis à venda. São os que abandonam o Estado. No comércio, a situação tem tons dramáticos: de 68 grandes armazéns de fornecimento de alimentos e de equipamentos de garimpagem, 65 fecharam as portas nos últimos dois anos. No aeroporto de Boa Vista, anos atrás o

terceiro mais movimentado do País, com mais de 500 aviões particulares, hoje não restam mais de 50. Os pilotos estão indo para Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo para trabalhar na aviação agrícola. "O Estado está à míngua, com a sua legião de miseráveis aumentando a cada dia e só sobrevivendo à custa de uma cesta básica fornecida pelo governo", acusa a deputada estadual Vera Regina Silveira, do PL. "Criado através da Constituição de 1988, o Estado de Roraima tornou-se inviável economicamente sem a manutenção da atividade garimpeira", diz. "A única indústria que existe aqui é uma engarrafadora de Coca-Cola", revela.

**V**era foi a deputada que se tornou nacionalmente famosa em 1991, quando, em companhia de outros parlamentares, fincou a bandeira brasileira numa área que considera pertencente ao Brasil, junto à fronteira, mas que está no mapa oficial da Venezuela. Ela critica a cautela do Itamaraty na abordagem da questão fronteiriça, o que teria tornado os venezuelanos "mais atrevidos". Ela responsabiliza o governo Collor pela perda de áreas, pelo Brasil, junto às regiões de fronteira.

"A Venezuela foi mais esperta e expandiu sua fronteira", afirma. A deputada diz também que os garimpeiros insistem em trabalhar em áreas que consideram do Brasil e assim registradas nas cartas internacionais da aviação civil. "A questão não é nem deve ser tratada *manu militari* como estão fazendo os venezuelanos. O problema é essencialmente de cunho social", afirma Vera. Ela quer que o problema seja discutido pelo Estado de Roraima e está disposta inclusive a criar uma comissão parla-

mentar estadual que vá até Caracas abrir negociações com o governo venezuelano. "Os garimpeiros estão imprensados: no Brasil, a Polícia Federal os persegue, na Venezuela, a Guarda Nacional os massacra." José Altino Machado concorda com a deputada e enfatiza que o assunto deve ser abordado como uma questão social antes que se agrave e venha a comprometer as relações entre Brasil e Venezuela.

Na verdade, o grave incidente da Semana Santa foi o 19º desde 89. Eles já resultaram em cinco mortes, dois aviões apreendidos e não devolvidos pela Venezuela, dois derrubados, quatro metralhados, 201 garimpeiros presos e perto de 100 quilos de ouro tomados aos garimpeiros. A única contrapartida militar brasileira ocorreu em 14 de fevereiro de 1993, quando o Exército brasileiro prendeu uma patrulha venezuelana, 19 homens, na cachoeira do salto A, no Amazonas, região do pico da Neblina. Os soldados venezuelanos foram trocados por

42 garimpeiros brasileiros que estavam confinados no presídio de Puerto Ayacucho. O fato não foi divulgado à imprensa. Os militares venezuelanos fizeram um veemente apelo a seus colegas brasileiros, argumentando que o assunto poderia ter sérias implicações sobre a própria democracia da Venezuela, dada, naquela oportunidade, a manifesta insatisfação de alguns generais importantes com o desempenho do governo do presidente Andrés Pérez.

**S**ão cerca de 16 mil os garimpeiros brasileiros trabalhando na Venezuela. A produção deles, segundo José Altino, é estimada em 25 toneladas de ouro extraídas, além de 4,8 mil quilates de diamantes. Suas atividades representam uma injeção anual de cerca de US\$ 800 milhões na economia venezuelana. "Acredito que as autoridades venezuelanas deveriam pensar duas vezes antes de pensar na expulsão desses homens.

A sua economia sofreria um baque considerável e é em razão disso, sobretudo, que proponho que a questão seja desmilitarizada", afirma Altino. Ele insiste que a questão diz respeito a um problema de imigração ilegal: "Nada mais do que isso. Imagine então se o governo americano decidisse matar todos os meus conterrâneos de Governador Valadares que querem se estabelecer nos Estados Unidos cruzando a fronteira através do México. Não seria um absurdo?", indaga.

O piloto Zé do Caixão tem preocupações mais simples. Ele teme a aparição da Guarda Nacional venezuelana, mas o dia é de mau tempo. Depois de três minutos de voo, ao sair de Raimundo Ném, se vêem as pistas do Dicão e de Saddam Hussein, de pouso impossível por causa dos estragos provocados pelas bombas da Força Aérea venezuelana. Durante o sobrevôo também se vêem alguns homens acenando de clareiras, avisando freneticamente com os braços que o avião deve se afastar. Sempre o perigo do ataque militar. O piloto aumenta a velocidade e deixa os garimpeiros para trás, isolados. ■

O piloto Zé do Caixão tem preocupações mais simples. Ele teme a aparição da Guarda Nacional venezuelana, mas o dia é de mau tempo. Depois de três minutos de voo, ao sair de Raimundo Ném, se vêem as pistas do Dicão e de Saddam Hussein, de pouso impossível por causa dos estragos provocados pelas bombas da Força Aérea venezuelana. Durante o sobrevôo também se vêem alguns homens acenando de clareiras, avisando freneticamente com os braços que o avião deve se afastar. Sempre o perigo do ataque militar. O piloto aumenta a velocidade e deixa os garimpeiros para trás, isolados. ■



**Jôhil, do sindicato:**  
"Demarcação de reserva deixou o Estado só com terras improdutivas"



**Deputada estadual Vera Silveira:** "A Venezuela foi mais esperta e expandiu suas fronteiras"